

De acordo com a mitologia grega, Narciso, conhecido por sua beleza, ao ver-se refletido no lago, apaixonou-se por si mesmo. Desse modo, em busca desse amor impossível, ele se lançou na água e sucumbiu na própria imagem. Analogamente, o culto à aparência de tal personagem assemelha-se, nos dias atuais, à cultura das selfies – autorretratos – no espaço das redes sociais. Nesse contexto, deve-se levar em consideração a influência da mídia e as consequências negativas trazidas por essa nova cultura.

Em primeiro plano, é indubitável que as redes sociais, promovidas pela internet, criam a chamada “Sociedade do Espetáculo”. Isso se dá, pois, segundo o filósofo Guy Debord, a vida social contemporânea se reduz à representação, ou seja, a vivência é mediada por imagens e se desfaz na presença objetiva do indivíduo. A partir desse viés, infere-se que o espetáculo se torna mais atraente, uma vez que as pessoas podem ser quem e o que elas quiserem na internet e, então, a grande exposição e a obsessão pelas selfies demonstram a necessidade de fugir da realidade e viver o mundo das aparências.

Além disso, outro ponto a ser considerado é a fragilidade das relações hodiernas. Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, na obra “Amor Líquido”, a sociedade vive a fluidez das relações, cuja principal característica é a efemeridade. Dessa forma, as selfies postadas, nas redes sociais, não traduzem apenas a intenção de se expor, mas, sim, a busca por elogios e por reconhecimentos, bem como a tentativa de estabelecer relações interpessoais. Consequentemente, tal situação pode causar dependência e também distúrbios emocionais, aumentando a sensação de solidão e baixa autoestima.

Por tudo isso, torna-se imprescindível agir para modificar a atual cultura de selfies. Portanto, cumpre ao Governo Federal promover, no ensino de base, palestras com profissionais da área, como psicólogos, a fim de evidenciar, aos discentes, os malefícios advindos da superexposição à internet, tornando-os cidadãos críticos, conforme a proposta do educador Paulo Freire, na obra “Pedagogia do Oprimido”, em que defende a educação consciente. Assim, as pessoas conseguirão, de fato, desconstruir tal cultura narcisista.